

Amor e Qualidade de Vida Conjugal: Aplicações do Inventário ENRICH

Eduardo Marques

Querendo provar o seu amor ou esforçando-se por decifrar se o outro o ama, o sujeito apaixonado não tem ao seu dispor qualquer sistema de signos certos.

Roland Barthes

Temer o amor é temer a vida e os que temem a vida já estão meio mortos.

Bertrand Russell

O amor romântico tornou-se uma força organizante da cultura contemporânea. Em particular, cada vez mais mulheres e homens preocupam-se com a gratificação amorosa resultante da qualidade conjugal na sua relação. Este artigo constitui um resumo do argumento, pesquisa e conclusões de uma dissertação sobre qualidade de vida conjugal (Marques 2000). Tratando-se de uma tese de pós-graduação, a pesquisa incidiu sobre alunos que frequentavam também cursos pós-graduados, pessoas casadas ou vivendo em união marital.

Do ponto de vista histórico, é importante lembrar que, apesar de o amor ter sido uma constante na literatura, através dos séculos, só a partir do final do século XIX é que veio a tornar-se uma razão aceitável para o casamento nas culturas com influências ocidentais. Ainda hoje,

em grande parte da Índia, África, algumas partes da América Latina e Ásia, os casamentos são decididos por questões económicas, sociais ou de status. Mais importante que o nome que se lhe atribua ou a categoria com que se pretenda definir esta modalidade de amor, a questão é o poder transformativo dos sentimentos que estão associados à experiência amorosa e o efeito mágico do romance apaixonado sobre as ideias dominantes de felicidade. O amor perturba o indivíduo na sua totalidade, surgindo não se sabe de onde, põe o coração a pensar, a razão a sentir, torna o corpo em poesia e conduz a comportamentos e atitudes libertárias que, muitas vezes, são confundidas com a loucura ou, pelo menos, a perda de sentido da realidade das coisas. É que a linguagem do amor só é perceptível e compreensível àqueles que amam. Aos outros só resta a incompreensão ou a condenação dos que ousaram sentir, viver e falar a sua linguagem. La Rochefoucauld, citado por Proença (1992: 21), afirmou que 'com o amor acontece o mesmo que com a aparição dos espíritos: todos falam deles, mas poucos os viram'.

Contraditoriamente, porém, pelas características involuntárias, irracionais e, muitas vezes, incontroláveis, a temeridade amorosa pode ser também terrivelmente destrutiva. Muitos destes sentimentos são negativos: rivalidade, despeito, medo, ciúmes e até ódio. Essas inclinações e ressentimentos, simpatias e antipatias misturam-se, de algum modo, em todas as relações amorosas e compõem experiências únicas, diferentes em cada caso e que mudam conforme as circunstâncias e a sensibilidade, construindo e destruindo. Esta natureza contraditória da vida amorosa é uma das representações convencionais acerca do amor e das dificuldades da sua definição. Vários autores tentaram definir o amor, alguns com maior sucesso poético, outros, nem tanto. O enigma da definição está expresso, por exemplo, na dificuldade dos casais manifestarem as razões para uma união ou separação. As motivações de apaixonar-se, repentina e intensamente, são geralmente inconscientes. A escolha do parceiro é feita, frequentemente, de forma muito rápida, com pouca base consciente sobre as razões de cada indivíduo, o que parece indicar, *inter allia*, que os casais vêem no casamento uma iniciação para a vida adulta e, conseqüentemente, uma fantasia de estabilidade.

De qualquer forma, o amor mobiliza sentimentos de entendimento e cuidado pelo outro, bem como idealizações em relação ao parceiro, gerando expectativas de solução das dificuldades e, por outro lado, muita ansiedade também, porque, na medida que a fase de idealização é ultrapassada - o que, segundo diferentes estudos, ocorre por volta dos dois anos - podem propagar-se sentimentos e conflitos decorrentes de um novo senso de realismo, vulnerabilidade e tolerância à sepa-

ração. Para o indivíduo profundamente ligado a outro, o fim do amor e de uma relação pode ser sentido como uma ameaça altamente recondicionante e perturbadora da existência quotidiana e uma perda do sentido da vida. Mas, raramente, o fim significa o mesmo para os dois. Penso existir consenso que, no amor, o comando fica sempre nas mãos daquele que menos ama, levando a que, num processo de separação, um sofra sempre mais que o outro, não parecendo haver compensação justa para aquele que é abandonado.

As pessoas, de uma maneira geral, estão em busca do amor, porém, quando o encontram, permanecem insatisfeitas. O amor é, inevitavelmente, um contínuo procurar, um contínuo perder-se e um contínuo reencontrar-se. A principal dificuldade em relação ao sentimento amoroso não está em vivê-lo, mas em mantê-lo. O amor aparece e desaparece, nasce e morre e não podemos adivinhar o tempo que permanece em nós. As dificuldades na definição do amor resultam, além da natureza contraditória, também desta direcção transformativa instável, porque o amor é mudança e raramente estabilidade. Apesar da dificuldade de definição, há uma diversidade de temas e noções convencionais e de propagação recorrentes acerca do sentido da experiência amorosa que reaparecem, tanto no discurso popular como nas narrativas poéticas e eruditas. Vejamos algumas destas tentativas proverbiais de explicação do amor.

Um destes temas é que o amor só existe quando os indivíduos conseguem fundir-se 'num só corpo', ou melhor, um conglomerado de alma e corpo, numa série de sentimentos e emoções que vão, da sexualidade mais directa à veneração, da ternura ao erotismo. O amor é representado aqui como uma prática de 'projectão' que faz investir sobre outrém aquilo que, na realidade, provém do fundo dos nossos desejos. O apaixonado que é retribuído na sua paixão tende à fusão das duas existências, de um futuro comum, de um sonho comum. Este sentimento de fusão, segundo Pacheco (1998), anula a possibilidade de uma relação triádica. Se eu sou o meu amado e ele sou eu, como pode haver uma terceira pessoa ameaçadora? Além disso, se o sentimento é de fusão apaixonada, a imagem dos amantes que se fundem num só, não há lugar ao ciúme, nem ameaças à relação. Só quando a paixão inicia a (inevitável) dissolução é que a distância crescente entre os amantes quebra o senso de alienação mística do enamoramento e leva a confrontar a realidade de que aquele que se ama pode amar alguém que não a nós.

Outra questão frequentemente colocada é se o amor é exclusivo por uma só pessoa ou se é possível amar duas pessoas, verdadeiramente, ao mesmo tempo. Para muitos autores, nomeadamente Pacheco

(1997), a resposta é não. Quando um indivíduo ama duas mulheres ou homens em simultâneo, aquilo que se ama é o amor que recebe de cada um deles ou delas. Gostar de receber, por vezes, significa, segundo aquele autor, uma aptidão nula para dar. Neste tipo de amor, está pressuposto o amor pelo amor e não o amor pela alteridade do outro. Outro tema popular é a questão da dádiva no amor como sinal do próprio amadurecimento do sentimento amoroso. Erich Fromm (1992) dá voz a estas representações, dizendo que amar é dar, logo a felicidade advém do próprio acto de dar que expressa vitalidade, poder, genialidade, descobrindo-se o amor por si próprio na experiência de descobrir que se possuem estas qualidades no acto de amor. Como síntese destas características poderíamos afirmar que, em qualquer relação amorosa, estão sempre presentes três dimensões: o amor ao outro, o amor à relação e o amor a si próprio.

A diferença como homens e mulheres vivem o amor é outra representação proverbial sobre o modo de vida do amor. Pacheco (1997) expressa, da seguinte forma, estas supostas distinções no padrão de comportamento amoroso e erótico heterossexual. O mundo afectivo e sexual dos homens seria centrífugo, logo subtractivo, constituindo o emblema cultural da infidelidade. Um homem poderá, nesta representação, apaixonar-se por uma única qualidade numa pessoa. Assim, uma mulher pode ser admirável pela inteligência, outra pela beleza, aquela outra pela sua riqueza ou pela performance sexual ou pelo potencial de ascensão social. É a raiz cultural masculinista que, sem justificar, torna mais provável que um homem se 'apaixone', simultaneamente, por várias mulheres do que o inverso. Porque o homem apaixona-se por um único atributo de cada uma delas. Este atributo, afirma Pacheco (1998), ganha a força de um absoluto, de tal maneira que o indivíduo julga-se apaixonado por várias mulheres em simultâneo.

Segundo ainda aquele autor - dando voz, na minha leitura, a ideias convencionais sobre o amor - o mundo afectivo e sexual das mulheres teria, pelo contrário, a tendência para ser centrípeto, quer dizer, inerentemente acumulativo de atributos e qualidades. A mulher tende a concentrar num único homem a generalidade dos atributos da masculinidade. Todavia, não podendo subtrair-se, por completo, à pressão cultural e à impressão das opiniões públicas, a mulher tem menor liberdade, no fundo, para eleger o 'homem'. Por isso, só pode, geralmente, sentir-se apaixonada por um único de cada vez. É neste sentido que Pacheco afirma que - outra opinião popular - o homem ainda é, por motivos culturais, tendencialmente polígamo, ao contrário da mulher.

Apesar das diferenças, qualquer homem ou mulher procura no amor

esta certeza total de ser tudo para o outro. A esperança está inscrita no amor, como o fantasma está inscrito no desejo.

Aqui reside o problema. O amor vive de provas de amor, vive de mostrar-se e, por isso, a indiferença afectiva, as dificuldades de expressão do afecto, a falta de uma dose de temeridade para fugir às regras provocam conflitos de relação e, especificamente, insatisfação conjugal. Perante, por assim dizer, o congelamento afectivo que se manifesta na dificuldade das pessoas se sentirem felizes com os seus parceiros, são adoptados inúmeros estratagemas. Alguns procuram manter o vínculo de uma maneira artificial, ou seja, fazem de conta que nada está a acontecer e que o relacionamento deve permanecer, devido aos filhos, situação económica, profissional, familiar. Todavia, os momentos de reflexão despertam intensos sentimentos de vazio, na convicção de que as aspirações afectivas de dar e receber não encontram realização. Isto leva muitos a aliviar a depressão subjacente com alterações na conduta, procura de diversos parceiros que, porém, nunca trazem a água bastante para a sede de amar. Uma vez que a verdadeira incompatibilidade é interior, isto é, a busca da maturação da doação afectiva, é necessário, nos momentos de conflito, tristeza e infelicidade amorosa, re-imaginar novas condições de vida e felicidade ou, a partir desta experiência sofrida, partir em busca de um novo amor.

Neste começo de século, o momento sociocultural é de transição. As características da estrutura familiar, em particular, estão em grande mudança. Pensemos nas mutações do casamento, crescimento do divórcio, tolerância do adultério, valorização do corpo, sexo, erotismo, aspirações a amar com liberdade. Todas as pessoas são hoje, formalmente, livres de criar famílias intencionais ou adoptar outras formas de vida familiar não convencionais. O agrupamento familiar vem transitando da família nuclear feita de pais e filhos para núcleos familiares uniparentais (um dos pais e filhos) e para núcleos familiares mosaico (os pares trazem filhos de relações anteriores). Outro aspecto são os géneros alternativos de romance que se generalizam, como o amor pela Internet. As mudanças ao nível da relação do casal são expressão de uma maior abertura, tolerância e respeito, por exemplo, face aos matrimónios inter-raciais e homossexuais, e também expressão dos avanços da medicina, biologia e genética. E, sem dúvida, resultado da resgate da auto-determinação feminina. Se, durante séculos, foram as mulheres que sacrificaram, muitas vezes, os seus projectos de vida em benefício da estabilidade do casal, numa relação subordinada, hoje este modelo patriarcal e androcêntrico está fortemente desacreditado. As mulheres lutam por um projecto igualitário, defendendo o direito ao amor, à sexualidade, a uma carreira profissional e a uma vida qualificada, sem que

precisem renunciar, dentro do vínculo amoroso, a uma parte de si mesmas. O amor não é renúncia à própria vontade, personalidade, sonhos e projectos, nem subordinação à personalidade do outro.

Estas transformações na imagem cultural e na prática do amor e da vida desafiam, assim, o entendimento convencional do que se designou chamar qualidade conjugal. Para avaliar as novas condições de felicidade e conjugalidade, é necessário estudar, entre outros, as opções por relações pré-maritais e o papel que jogam as influências familiares, culturais, psicológicas e as redes sociais na selecção do parceiro e na manutenção da relação. Outros instrumentos são necessários para a compreensão do fenómeno, designadamente escalas para medir a coesão, união, idealização do parceiro, necessidades pessoais, comunicação, sexualidade, de forma que, com diversidade de recursos metodológicos, a responsabilidade e o esforço do investigador se centrem, simultaneamente, na compreensão analítica e na contribuição para a redução dos problemas na qualidade da vida conjugal. Este é o tema da pesquisa que se segue.

APLICAÇÕES DO INVENTÁRIO ENRICH

O material desta reflexão é retirado da dissertação 'O Amor e a Qualidade Conjugal em Estudantes do Ensino Pós-Graduado' (Marques 2000). A amostra em estudo é constituída por 174 indivíduos. Os dados foram recolhidos em Coimbra, entre Março e Junho de 2000, na Escola Superior de Educação, Escola Superior de Enfermagem Bissaya Barreto, Escola Superior de Enfermagem Ângelo da Fonseca e Instituto Superior Miguel Torga. O conceito de 'ensino pós-graduado' é aqui utilizado num sentido alargado, referindo não apenas os cursos de pós-graduação e mestrado, mas incluindo também alunos que frequentavam complementos de formação de pós-bacharelato.

No conjunto da amostra, 132 indivíduos são mulheres (75,9%) e 42 homens (24,1%). A evidente predominância feminina é expressão da frequência maioritária de mulheres, hoje em dia, nos diversos graus do ensino superior. Por outro lado, o intervalo na idade é também extenso, oscilando entre 22 e 57 anos. A maior frequência são pessoas na faixa dos 40 anos. A variação é explicada pelo facto de os cursos de pós-graduação serem frequentados menos por recém-licenciados do que por licenciados que já terminaram, há alguns anos, o curso superior, o que é ainda mais emblemático nos cursos de formação complementar. Apenas 16% (28 indivíduos) da amostra são estudantes a tempo inte-

gral, em contraposição a 84% de trabalhadores estudantes. Dentre estes, 57.5% são enfermeiros (100), 23.6% professores (41) e 2.9% assistentes sociais (5).

Foi utilizado um 'Questionário de Características Demográficas', constituído por mim para as questões específicas da pesquisa. As variáveis incluem idade, sexo, curso e ano de frequência, estado civil, ocupação, profissão, duração da relação conjugal, número de filhos, casamentos anteriores, tipo de coabitação, possível doença crónica de um dos cônjuges, dependência/autonomia financeira do inquirido, origem do rendimento e montante líquido mensal do casal. Também foram colocadas questões sobre a pré-conjugalidade, ao nível das relações afectivas estáveis (namoros de um ano ou mais) e se havia infidelidade nas relações. Em caso positivo, pedia-se para especificar entre: a) situações pontuais, b) situação permanente de infidelidade, com muitos casos, mas sem compromisso; c) um compromisso permanente fora do casamento.

O principal instrumento de medida que organizou a pesquisa, porém, foi o Inventário ENRICH (*Enriching & Nurturing Relationship Issues, Communication & Happiness* / 'Enriquecimento e Desenvolvimento Conjugal, Comunicação e Felicidade'), completado por David H. Olson, David C. Fournier e Joan M. Druckman (1983) e depois ampliado (Fowers e Olson 1989; Olson e Fowers, 1993; Olson e Olson, 1997). A versão utilizada foi a adaptação e tradução para a população portuguesa do Inventário, elaboradas, especificamente, para esta pesquisa.

Tendo sido, inicialmente, desenvolvido como um inventário e instrumento de medida para descrever as dinâmicas conjugais, o ENRICH serve também como instrumento de diagnóstico para casais que procuram aconselhamento e enriquecimento no casamento. A criação do ENRICH foi estimulada por outros instrumentos de diagnóstico anteriores, em particular o PREPARE (*Premarital Personal and Relationship Evaluation*). Segundo Olson (1997), o desenvolvimento inicial do PREPARE iniciou-se em 1978, para trabalhar com casais pré-maritais, acerca de aspectos críticos e áreas de conflito no casamento, baseado em indicadores teóricos e empíricos de estudos desenvolvidos, nesta área, por vários autores, desde os anos 60. O propósito era os casais discutirem situações e determinados problemas antes do casamento. Foi desenvolvida uma escala pormenorizada de categorias e percentagens para avaliar diferentes áreas de conflito dos casais. O Quadro I descreve as tipologias de inventários adequados conforme os casos de conjugalidade.

Quadro I



O inventário PREPARE foi, sucessivamente, revisto (Fowers e Olson 1986, 1992). A versão 2000 do programa PREPARE/ENRICH (Olson e Olson 1997) foi projectada para facilitar a comunicação, fornecer condições de consciencialização, crescimento e competências de interação, auxiliando os casais a melhorar o seu relacionamento inter-conjugal em sessões dirigidas por terapeutas familiares. A versão 2000, para além das escalas já referidas, inclui também um manual explicativo com modelos de intervenção para desenvolvimento de sessões de aconselhamento conjugal. Todas as escalas são integradas no processo do feedback terapêutico e os casais que seguem este programa completo experimentam exercícios projectados para melhorar as aptidões de assertividade dos cônjuges.

As categorias da ENRICH incorporam questões identificadas em estudos anteriores, dos anos 70, que examinaram áreas problemáticas nas relações de casais. Estas incluem diferenças de valores, perspectivas e personalidade, competições de poder pelo papel mais importante na relação, prioridades em relação ao trabalho e amigos, incompatibilidade sexual, comportamentos violentos e dependência.

Apesar de o PREPARE ter criado a base para o desenvolvimento do ENRICH, foram, porém, necessárias revisões consideráveis para tornar

os itens especificamente relevantes para os casais já casados. O PREPARE era constituído por 125 itens e 12 subescalas: Distorção Idealista, Perspectivas Realistas, Questões de Personalidade, Comunicação, Resolução do Conflito, Administração Financeira, Actividades de Lazer, Relação Sexual, Filhos e Casamento, Família e Amigos, Igualdade de Papéis e Orientação Religiosa. O ENRICH utiliza, basicamente, as mesmas categorias, tendo, no entanto, uma categoria que avalia a Satisfação Conjugal, em lugar da categoria Perspectivas Realistas que aparece no PREPARE. O Quadro II apresenta uma lista das categorias finais utilizadas no ENRICH.

Quadro II

ENRICH - LISTA DE CATEGORIAS		
1. Distorção Idealista	2. Satisfação conjugal	3. Aspectos da Personalidade
4. Comunicação	5. Resolução de Conflitos	6. Administração Financeira
7. Actividades de Lazer	8. Relação Sexual	9. Filhos e Matrimónio
10. Família e Amigos	11. Igualdade de Papéis	12. Orientação Religiosa

Nestas readaptações das influências do PREPARE na concepção do ENRICH, foram escritos 10 itens para cada categoria. Enquanto se retiraram 49 itens (39%) do PREPARE, corrigiram-se 31 e desenvolveram-se 45 novos, fazendo um total de 76 itens (61% do conjunto) que diferenciaram o ENRICH. O Quadro III apresenta um resumo das alterações e das novas adições.

Quadro III

O DESENVOLVIMENTO DOS ITENS ENRICH				
	Novo	Corrigido	Total das Alterações	Total dos Itens
1. Distorção Idealista	0	2	2	5
2. Satisfação Conjugal	10	0	10	10
3. Aspectos da Personalidade	3	1	4	10
4. Comunicação	1	1	2	10
5. Resolução do Conflito	3	3	6	10
6. Administração Financeira	4	3	7	10
7. Actividades de Lazer	2	5	7	10
8. Relação Sexual	5	2	7	10
9. Filhos e Matrimónio	8	2	10	10
10. Família e Amigos	4	4	8	10
11. Igualdade de Papéis	5	3	8	10
12. Orientação Religiosa	0	5	5	10
TOTAL	45	31	76	115

A consistência interna do ENRICH foi avaliada por Olson e seus colegas numa pesquisa que envolveu 672 casais. O coeficiente de fidedignidade (Alpha de Cronbach) médio foi de 0,74, com a excepção da sub escala Relação Sexual que apresentou a média de 0,48. O reteste (estabilidade temporal) foi avaliado com um intervalo de 4 semanas entre o teste e o reteste, com 115 indivíduos casados. A média do reteste foi de 0,87, variando entre 0,77 e 0,92. Estes dados são reunidos no Quadro IV que se segue

Quadro IV

ENRICH - CONSISTÊNCIA INTERNA/ESTABILIDADE TEMPORAL		
Título da Categoria	Consistência Interna da Segurança (Alpha)	Reteste
Distorção Idealista	0,92	0,92
Satisfação Conjugal	0,81	0,86
Aspectos da Personalidade	0,73	0,81
Comunicação	0,68	0,90
Resolução do Conflito	0,75	0,90
Administração Financeira	0,74	0,88
Actividades de Lazer	0,76	0,77
Relação Sexual	0,48	0,92
Filhos e Matrimónio	0,77	0,89
Família e Amigos	0,72	0,82
Papéis Iguais	0,71	0,90
Orientação Religiosa	0,77	0,89
MÉDIA TOTAL	0,74	0,87

O Quadro V mostra as 12 subescalas do ENRICH e a descrição detalhada dos seus 115 itens.

Quadro V

SUBESCALAS DO ENRICH E A SUA DESCRIÇÃO		
SUBESCALA	DESCRIÇÃO	ITENS
I – Distorção Idealística (DI)	Avalia o nível de idealização de cada elemento do casal com a união conjugal	(+) 34 – O/A meu/minha companheiro/a e eu compreendemo-nos completamente. (-) 42 – O/A meu/minha companheiro/a compreende e apoia completamente os meus diversos estados de espírito. (+) 64 – A nossa relação é um perfeito sucesso. (-) 70 – Tenho algumas necessidades que não encontram resposta na nossa relação. (+) 101 – Nunca me arrependi, nem por um só momento, da relação que tenho com o/a meu/minha companheiro/a.

A distorção idealista (DI), que representa o grau de idealização de cada indivíduo, deve ser interpretado tendo em atenção que valores elevados indicam um alto nível de idealização/idealismo. Uma pontuação baixa indica uma visão mais realista do casamento.

SUBESCALA	DESCRIÇÃO	ITENS
II – Satisfação Marital (SM)	Avalia globalmente o nível de satisfação conjugal,	(-) 14 – As características da personalidade e hábitos pessoais do meu/minha companheiro/a, não me agradam. (+) 19 – Sinto-me feliz com a maneira como lidamos com as responsabilidades na nossa união conjugal. (-) 32 – Não estou feliz com a forma como o comunicamos e tenho a impressão que o/a meu/minha companheiro/a não me compreende. (+) 36 – Estou muito feliz com a maneira como tomamos as decisões e resolvemos os conflitos. (-) 52. Não estou contente com a nossa situação financeira, nem com a maneira como tomamos as decisões financeiras. (+) 53 – Estou muito feliz como organizamos os nossos tempos de lazer e o tempo que passamos juntos. (+) 82 – Agrada-me a maneira como exprimimos o afecto e nos relacionamos sexualmente. (-) 88 – Não estou satisfeito/a com a maneira como cada um de nós lida com as nossas responsabilidades, enquanto pais. (-) 99 – Sinto-me insatisfeito/a com a relação que mantemos com os meus pais e com a família do/a meu/minha companheiro/a e/ou amigos. (+) 113 – Sinto-me muito bem com a maneira como cada um de nós pratica as suas crenças religiosas e valores.

A satisfação marital (SM) relaciona as características de personalidade com as responsabilidades de cada um dos indivíduos, na comunicação, resolução do conflito, assuntos financeiros, administração do tempo de lazer, relação sexual, responsabilidades paternais, relação com a família e os amigos e orientação religiosa. Uma pontuação elevada indica compatibilidade e satisfação com a maior parte dos aspectos da relação conjugal. Pelo contrário uma pontuação baixa indica uma falta de satisfação e interesse com vários aspectos do casamento.

SUBESCALA	DESCRIÇÃO	ITENS
III – Aspectos relacionados com a personalidade (AP)	Avalia a satisfação de um indivíduo com seu/sua parceiro(a) relativamente a questões pessoais tais como, paciência, temperamento, mau humor, teimosia, ciúme ou vícios.	(-) 8 – O/A meu/minha companheiro/a é demasiado crítico/a ou tem frequentemente perspectivas negativas. (-) 13 – Por vezes preocupo-me com a irritabilidade do/a meu/minha companheiro/a. (-) 24 – Há alturas em que me preocupa o facto do meu/minha companheiro/a parecer ser infeliz e introvertido/a. (-) 30 – Os hábitos de consumo de tabaco e o álcool do/a meu/minha companheiro/a são um problema. (-) 37 – Há ocasiões em que não se pode contar com o/a meu/minha companheiro/a ou em que ele/ela não leva as coisas por diante. (-) 44 – Quando estamos com outras pessoas, às vezes fico aborrecido/a com o comportamento do/a meu/minha companheiro/a. (-) 63 – Por vezes, o/a meu/minha companheiro/a é demasiado teimoso/a. (-) 78 – Aborreço-me o facto de o/a meu/minha companheiro/a se atrasar frequentemente. (-) 95 – Por vezes tenho dificuldade em lidar com as variações de humor do/a meu/minha companheiro/a. (-) 115 – Por vezes penso que o/a meu/minha companheiro/a é demasiado dominador/a.

Os aspectos da personalidade (AP) mede o grau de ajustamento ao parceiro, tal como a satisfação com o comportamento deste. Pontuações elevadas significam um elevado nível de ajustamento, uma pontuação baixa indica uma má aceitação do parceiro ou falta de bem estar com o comportamento deste.

SUBESCALAS DO ENRICH E A SUA DESCRIÇÃO		
SUBESCALA	DESCRIÇÃO	ITENS
IV - Comunicação (COM)	Avalia sentimentos, crenças e atitudes de um indivíduo em relação à comunicação existente na sua relação.	(+) 2 – É muito fácil para mim, exprimir ao/à meu/minha companheiro/a, os meus verdadeiros sentimentos. (-) 6 – Quando estamos com um problema, o/a meu/minha companheiro/a opta frequentemente pelo silêncio. (-) 40 – O/A meu/minha companheiro/a, por vezes, faz comentários que me deixam abaixo. (-) 54 – Por vezes, tenho receio de pedir ao/à meu/minha companheiro/a aquilo que quero. (-) 66 – Gostaria que o/a meu/minha companheiro/a estivesse mais disposto/a a partilhar os seus sentimentos comigo. (-) 73 – Por vezes, tenho dificuldade em acreditar em tudo aquilo que o/a meu/minha companheiro/a me diz. (-) 81 – Muitas vezes, não digo ao/à meu/minha companheiro/a o que sinto, porque acho que ele/ela já o devia saber. (+) 91 – Estou muito satisfeito/a com a maneira como o/a meu/minha companheiro/a e eu falamos um com o outro. (-) 98 – Nem sempre partilho os sentimentos negativos que tenho em relação ao/à meu/minha companheiro/a, porque tenho medo que ele/ela se zangue comigo. (+) 109 – O/A meu/minha companheiro/a é sempre um bom ouvinte.

Os itens da subescala comunicação (COM), incidem sobre o nível de conforto que cada indivíduo sente ao poder partilhar emoções importantes e a confiança deste no seu parceiro, pelo que pontuações elevadas indicam satisfação do casal com o nível e tipo de comunicação existente. Uma pontuação baixa indica dificuldades na comunicação do casal gerando insatisfação na relação.

SUBESCALA	DESCRIÇÃO	ITENS
V - Resolução de Conflitos (RC)	Avalia as atitudes, sentimentos e crenças de um indivíduo a fim de resolver o conflito na sua relação e a satisfação sentida pelas respostas encontradas.	(-) 4 – Para acabar uma discussão, cedo facilmente. (-) 10 – O/A meu/minha companheiro/a e eu, temos ideias muito diferentes sobre a melhor maneira de resolver os nossos desentendimentos. (+) 39 – Quando discutimos problemas, tenho normalmente a sensação que o/a meu/minha companheiro/a me entende. (+) 58 – Quando temos um problema posso sempre dizer ao/à meu/minha companheiro/a o que é que me preocupa. (-) 71 – Por vezes, temos grandes discussões sobre assuntos sem importância nenhuma. (-) 74 – Faria tudo para evitar conflitos com o/a meu/minha companheiro/a. (-) 79 – Por vezes sinto que as nossas discussões são intermináveis e que nunca ficam resolvidas. (+) 83 – Quando temos um desentendimento, partilhamos o que sentimos e decidimos a maneira de resolver as nossas diferenças abertamente. (-) 96 – Habitualmente sinto que o/a meu/minha companheiro/a não leva a sério os nossos desentendimentos. (-) 112 – Quando discutimos, acabo frequentemente por sentir que foi por minha culpa.

Os itens da subescala resolução de conflitos (RC) baseiam-se na vontade dos parceiros em reconhecerem e resolverem os seus conflitos. Assim, pontuações elevadas revelam uma atitude realista com a forma como se resolvem os problemas e os conflitos. Pontuações baixas indicam ineficácia e insatisfação com a forma de resolver os conflitos na relação.

SUBESCALA	DESCRIÇÃO	ITENS
VI - Administração Financeira (AF)	Avalia as atitudes e preocupações pela forma com o as questões económicas são administradas na relação do casal.	(-) 16 – Por vezes, gostaria que o/a meu/minha companheiro/a fosse mais cauteloso/a nos seus gastos. (+) 20 – Estamos sempre de acordo quanto à maneira de gastar o nosso dinheiro. (-) 26 – Temos dificuldade em decidir a maneira de gerir as nossas finanças. (+) 38 – As nossas decisões sobre o montante que devemos poupar, satisfazem-me. (+) 45 – Temos conhecimento das nossas maiores dívidas e elas não são um problema para nós. (+) 51 – Guardamos registos dos nossos gastos, a fim de podermos orçamentar o nosso dinheiro. (-) 77 – A utilização do cartão de crédito têm sido um problema para nós. (-) 85 – Decidir as nossas prioridades em relação ao modo como gastar o nosso dinheiro é uma preocupação para nós. (-) 93 – Aborreço-me que não possa gastar dinheiro, sem ter aprovação do/a meu/minha companheiro/a. (-) 110 – Preocupa-me quem é o responsável pelo dinheiro.

A subescala administração financeira (AF) avalia as tendências dos indivíduos para serem esbanjadores ou economizadores, a sua consciência e preocupação com questões de crédito e de débito. Uma pontuação alta indica atitude realista e satisfação em como os assuntos financeiros são geridos. Pelo contrário uma pontuação baixa indica preocupação do casal ao nível da sua administração financeira.

SUBESCALAS DO ENRICH E SUA DESCRIÇÃO		
SUBESCALA	DESCRIÇÃO	ITENS
VII - Atividades de Lazer (AL)	Avalia as preferências de cada indivíduo na modo de utilizar o seu tempo livre.	(+) 1 – O/A meu/minha companheiro/a e eu parecemos gostar do mesmo tipo de festas e de actividades sociais. (-) 17 – O/A meu/minha companheiro/a parece não ter tempo ou energia suficientes para nos divertirmos, em conjunto. (-) 18 – Preferia fazer outra coisa qualquer a ter de passar uma noite sozinho/a. (-) 28 – Preocupa-me o facto de o/a meu/minha companheiro/a não ter interesses ou passatempos suficientes. (+) 31 – Raramente me sinto pressionado/a para ir com o/a meu/minha companheiro/a a eventos sociais. (+) 33 – Sinto-me sempre bem com a maneira e o local onde passamos férias com as nossas famílias. (+) 60 – Sinto-me bem com o tipo de viagens e férias que fazemos (-) 72 – Preocupa-me que eu e o/a meu/minha companheiro/a não passemos juntos o tempo livre suficiente. (-) 84 – Raramente me divirto, a não ser que esteja com o/a meu/minha companheiro/a. (+) 114 – Eu e o/a meu/minha companheiro/a equilibrámos bem o tempo livre que passamos juntos e separados.

Na subescala actividades de lazer (AL) os itens indicam as actividades sociais versus actividades pessoais e os interesses, as preferências de cada um e as perspectivas no que respeita ao tempo de lazer, que deverá ser gasto em conjunto ou dividido individualmente. Uma pontuação alta indica compatibilidade, flexibilidade ou consenso acerca das actividades de lazer. Uma pontuação baixa significa a existência de insatisfação com a maneira em como o tempo de lazer é gasto na relação do casal.

SUBESCALA	DESCRIÇÃO	ITENS
VIII - Relação Sexual (RS)	Avalia os sentimentos e preocupações de um indivíduo acerca da relação de afecto e da relação sexual com o seu/sua parceiro(a), bem como as atitudes relacionadas com as decisões em relação ao controlo de nascimentos e os sentimentos acerca da fidelidade sexual.	(+) 9 – Sinto-me completamente satisfeito/a, com o carinho que o/a meu/minha companheiro/a me dá. (+) 15 – Tentam os encontrar meios de manter a nossa relação a nível sexual agradável e interessante. (-) 25 – Preocupa-me que o/a meu/minha companheiro/a possa não estar sexualmente interessado/a em mim. (+) 41 – É-me confortável falar com o/a meu/minha companheiro/a sobre assuntos sexuais. (-) 47 – Por vezes, preocupa-me que o/a meu/minha companheiro/a possa ter pensado ter uma relação sexual fora da nossa união conjugal (aventura). (+) 62 – A nossa relação a nível sexual satisfaz-me e realiza-me. (-) 69 – Sinto-me relutante em ser carinhoso/a com o/a meu/minha companheiro/a, porque muitas vezes esta atitude é interpretada como uma insinuação sexual. (-) 106 – Às vezes, preocupa-me que o interesse do/a meu/minha companheiro/a por sexo não seja o mesmo que o meu. (+) 107 – Sinto-me satisfeito/a com as nossas decisões respeitantes ao planeamento familiar e contracepção. (-) 111 – Incomoda-me que o/a meu/minha companheiro/a queira ou recuse sexo dum a forma injusta.

Os itens da subescala relação sexual (RS) avaliam os sentimentos e a satisfação do casal no respeitante ao afecto e ao sexo na sua relação. Quando existe uma pontuação alta isto significa uma atitude positiva e satisfação em relação à sexualidade do casal. Uma pontuação baixa pode significar insatisfação ou falta de afecto na relação, bem como desentendimento nas decisões relativas ao planeamento familiar.

SUBESCALA	DESCRIÇÃO	ITENS
IX - Filhos e Matrimónio (FM)	Avalia as atitudes e os sentimentos do indivíduo em relação ao número de filhos a ter e o seu impacto no casamento, e a satisfação do casal com os papéis de pai e mãe e suas responsabilidades na educação dos filhos.	(-) 5 – Na nossa família, o pai não passa tempo suficiente com as nossas crianças. (+) 21 – Satisfaz-me a maneira como partilhamos a responsabilidade de criar os nossos filhos. (+) 35 – Estamos de acordo sobre o modo de educar os nossos filhos. (-) 49 – Os filhos parecem ser uma das maiores fontes de problemas na nossa relação. (+) 50 – Estamos de acordo quanto ao número de filhos que queremos ter. (-) 59 – Incomoda-me que o/a meu/minha companheiro/a dê mais importância aos filhos que à nossa relação conjugal. (+) 67 – Ter filhos aproximou-nos enquanto casal. (-) 87 – Temos diferentes pontos de vista quanto à educação religiosa a dar aos nossos filhos. (-) 94 – Desde que temos filhos, raramente temos tempo para nós como casal. (-) 102 – Saber o quanto devemos fazer pelos nossos filhos, tem sido um problema que nos tem criado conflitos.

A subescala filhos e matrimónio (FM) avalia a atitude e os sentimentos em relação ao número de filhos a ter e à sua educação. Estes itens avaliam questões relativas ao impacto dos filhos na relação. Uma pontuação alta indica um consenso quanto ao tamanho da família desejado e à satisfação com a distribuição de papéis e responsabilidades dos pais no matrimónio. Uma pontuação baixa indica falta de consenso nas decisões acerca dos filhos e desconforto no modo em como as responsabilidades estão distribuídas.

SUBESCALAS DO ENRICH E SUA DESCRIÇÃO		
SUBESCALA	DESCRIÇÃO	ITENS
X - Família e Amigos (FA)	Avalia os sentimentos e as preocupações da relação do casal com os parentes e os amigos.	(-) 7 – Alguns amigos e familiares fazem coisas que provocam tensão na nossa união conjugal. (+) 27 – A quantidade de tempo que passamos com os nossos familiares e amigos é a correcta. (-) 48 – Penso que o/a meu/minha companheiro/a está demasiado/a envolvido ou influenciado/a pela sua família. (-) 57 – Não me é agradável estar com alguns dos nossos familiares ou com a família do/a meu/minha companheiro/a. (+) 68 – O/A meu/minha companheiro/a gosta de todos os meus amigos. (-) 86 – Por vezes o/a meu/minha companheiro/a passa demasiado tempo com os amigos. (-) 90 – Sinto que os nossos pais esperam demasiada atenção ou ajuda de nós. (-) 92 – Sinto que os nossos pais causam problemas ao nosso casamento. (+) 103 – Realmente gosto de estar com os amigos do/a meu/minha companheiro/a. (+) 108 – Não me aborrece que o/a meu/minha companheiro/a passe tempo com amigos do sexo oposto.

A subescala família e amigos (FA) avalia os sentimentos e as preocupações nas relações com os amigos e familiares. Os itens indicam as atitudes dos amigos e dos familiares em relação ao casamento, as perspectivas em relação ao tempo gasto com a família e os amigos. Uma pontuação alta indica uma relação confortável com a família e os amigos. Uma pontuação baixa indica descontentamento na relação com a família e os amigos e implica potenciais áreas de conflito.

SUBESCALA	DESCRIÇÃO	ITENS
XI - Igualdade de Papéis (IG)	Avalia as crenças, os sentimentos e as atitudes de um indivíduo em relação a vários papéis conjugais e familiares.	(-) 12 – Creio que o lugar da mulher é basicamente em casa. (+) 23 – Se ambos trabalhamos, em casa, o marido deve fazer o mesmo trabalho que a mulher. (-) 29 – Na nossa família, a mulher não deve trabalhar fora de casa, a menos que se trate de uma necessidade financeira urgente. (-) 43 – Na nossa união conjugal, a mulher tem de estar mais disponível para satisfazer as vontades do marido. (-) 55 – Mesmo que a mulher trabalhe fora de casa, deve ser (na mesma) a responsável pelas lidas caseiras. (-) 61 – No nossa união conjugal, o homem é o chefe de família. (-) 75 – Para nós, o trabalho do homem é sempre encarado como mais importante que o trabalho da mulher. (+) 80 – Se há filhos pequenos, a mulher não deve trabalhar fora de casa. (-) 97 – O homem deve ter a palavra final na maior parte das decisões familiares importantes. (-) 105 – A mulher deve confiar e aceitar as opiniões do companheiro, quando se trata de decisões importantes.

Os itens da subescala igualdade de papéis (IG) focam os sentimentos individuais acerca dos papéis familiares, designadamente os ocupacionais, os papéis da dona de casa, papéis em questões de sexo e papéis paternos. Uma pontuação individual alta indica que os valores do casal são mais idênticos, ou seja, existe uma maior aproximação e partilha entre os papéis de marido e mulher. A pontuação individual baixa não significa uma falta de satisfação, mas indica a existência de valores tradicionais nos papéis de marido e mulher.

SUBESCALA	DESCRIÇÃO	ITENS
XII - Orientação Religiosa (OR)	Avalia as atitudes, sentimentos e preocupações de um indivíduo acerca do significado da prática e crenças religiosas no contexto do casamento.	(-) 3 – É muito difícil para mim, acreditar completamente nos ensinamentos da minha religião. (+) 11 – Penso que a religião deveria ter o mesmo significado para cada um de nós. (+) 22 – A partilha de valores religiosos ajuda a nossa relação a fortalecer-se. (+) 46 – As minhas crenças religiosas são uma parte importante no compromisso com o/a meu/minha companheiro/a. (-) 56 – Eu e o meu/minha companheiro/a discordamos quanto à maneira de praticar a(s) nossa(s) crença(s) religio(a)s. (+) 65 – É importante para mim rezar com o/a meu/minha companheiro/a. (+) 76 – Acredito que a nossa união inclui um envolvimento religioso activo. (+) 89 – Ao amar o/a meu/minha companheiro/a, sinto que sou capaz de melhor compreender que Deus é amor. (-) 100 – O/A meu/minha companheiro/a e eu discordamos quanto a alguns dos ensinamentos da minha religião. (+) 104 – O/A meu/minha companheiro/a e eu sentimo-nos mais próximos devido às nossas crenças religiosas.

A subescala orientação religiosa (OR) examina o significado das crenças e práticas religiosas no casamento. Os itens concentram-se no significado e importância da religião, e do envolvimento nas actividades da igreja e o papel esperado que as crenças religiosas terão no casamento. Uma pontuação alta indica que a religião tem um valor extremamente importante no casamento. Uma pontuação baixa indica mais individualismo e que menos tradicionalismo é atribuído ao papel da religião no casamento.

No Quadro VI são repertoriados as médias e desvios padrão por sexo. O quadro não apresenta os valores normativos da subescala Distorção Idealística, porque a fonte (Olson, Fournier e Drukman) não contém referências sobre os dados padrão para esta subescala.

Quadro VI

ENRICH - MÉDIAS E DESVIOS PADRÃO POR SEXO						
Escala	Homem			Mulher		
	X	SD	Range	X	SD	Range
1.Satisfação Marital	37.31	6.45	13-50	37.04	7.03	10-50
2.Aspectos da Personalidade	34.58	5.96	16-49	34.43	6.35	16-49
3.Comunicação	34.90	6.05	15-50	34.10	6.94	14-50
4.Resolução do Conflito	34.05	5.84	11-50	33.85	6.43	13-50
5.Adm. Financeira	37.16	6.33	14-50	37.65	6.78	12-50
6.Actividades de Lazer	33.99	3.90	22-46	34.81	4.38	21-47
7.Relação Sexual	37.09	6.62	16-50	37.60	6.90	14-50
8.Filhos e Matrimônio	38.35	5.58	20-50	38.25	5.72	19-50
9.Família e Amigos	37.52	5.63	17-50	38.55	5.90	15-50
10. Igualdade	28.86	5.45	13-48	28.06	5.80	13-47
11.Orientação Religiosa	39.04	6.58	13-50	40.04	6.26	18-50

Os itens de cada subescala são submetidos a cinco hipóteses de resposta entre 'discordo totalmente' e 'concordo totalmente'. As classificações neste questionário podem oscilar entre o valor 115 e o valor 575. Os pesos dos itens variam de 1 a 5 pontos, com o score de 5 a revelar satisfação, situada nos extremos da escala ('sempre' ou 'nunca', dependendo se o item está formulado em direção positiva ou negativa do sintoma); o score 4 é o valor da resposta imediatamente adjacente ao score 5, o score 3 adjacente ao score 4 e o score 2 ao score 3. O score 1 assinala as respostas com direção de insatisfação, sendo as duas últimas opções as mais afastadas da satisfação marital. Assim, as respostas de sentido positivo têm a seguinte pontuação: Discordo totalmente = 1. Discordo moderadamente = 2. Não concordo, nem discordo = 3. Concordo moderadamente = 5. Concordo totalmente = 5. Os itens de ordem inversa (assinalados com (-) nos quadros anteriores) são pontuados de forma oposta: Discordo totalmente = 5. Discordo moderadamente = 4. Não concordo, nem discordo = 3. Concordo moderadamente = 2. Concordo totalmente = 1.

Os scores dos itens devem ser calculados por subescala. Os scores das subescalas não devem ser calculados, quando mais do que um item dessa subescala não tiver sido respondido. Sempre que ocorrer este facto, o investigador deve substituir esse item pela média dos itens assinalados nessa subescala. Todavia, os resultados necessitam ser lidos com precaução, uma vez que não existem estudos sistemáticos de validade dos scores, baseados em dados incompletos ou substituídos. Finalmente, convém referir que a administração isolada de grupos de itens pode apresentar problemas de validade e fidedignidade, uma vez que um inventário deve ser aferido e visto como um todo ou por subescalas e nunca por itens isolados.

Nos estudos que avaliaram as características psicométricas do ENRICH, os coeficientes de fidedignidade (alphas) das subescalas foram, em 1999, de 0,80 para a escala total e entre 0,30 e 0,84 para as 12 subescalas. Quanto aos resultados dos estudos que avaliam a dimensionalidade dos itens da escala, quando aplicada a casados, revelam que a satisfação marital, os aspectos da personalidade, a comunicação e a resolução de conflitos encontram-se correlacionados entre si, enquanto as restantes subescalas se encontram num quadrante oposto.

Avaliação do ENRICH

A presente tradução do ENRICH para português foi aplicada, como se referiu, numa amostra de 174 indivíduos, tendo obtido uma consistência interna de 0,93, medida pelo Alpha de Cronbach. Relativamente à consistência interna por sexos, esta é de 0,94 para o sexo feminino e de 0,92 para o sexo masculino. Com efeito, o ENRICH revelou possuir fidedignidade, embora algumas das suas escalas apresentem Alphas relativamente baixos. O inventário ENRICH foi avaliado, a fim de serem conhecidas as características psicométricas da escala, observando-se que os ganhos em fidedignidade eram mínimos, se retirássemos qualquer item. Em termos globais, podemos referir que a análise das subescalas mostrou que, se reformulados os itens 31, 42, 63, 67, 80, 81 e 84, a consistência interna se elevaria, medida pelo Alpha de Cronbach, de 0,93 para apenas 0,94. Com efeito, a mais-valia não compensa a diminuição do número de itens do ENRICH, mesmo porque o número de sujeitos da amostra em causa é baixa para estudos de fidedignidade e o ganho da passagem de 115 itens para 108 é apenas de 0,01.

Muitos dos conceitos utilizados para descrever o comportamento

humano incluem aspectos sobrepostos. Por exemplo, quando dizemos que estamos satisfeitos na relação conjugal, esta afirmação pode referir-se a vários sentimentos: o tempo e empenho investidos na relação, sentir-se realizado com o casamento, desejar um bom relacionamento sexual, etc. Se estes diferentes factores ou componentes contribuem para a avaliação de cada um, no que diz respeito ao grau de satisfação experimentada na relação, será de esperar que eles se inter-relacionem, isto é, a intensidade da satisfação conjugal deverá aparecer correlacionada com os sentimentos de realização a seu respeito e assim sucessivamente. No entanto, para se validar o instrumento que mede estes vários componentes, depois de recolhidos os dados, é necessário observar se as características que aparecem juntas constituem um factor ou componente. A análise factorial permite determiná-lo. Desta forma, utilizou-se uma análise factorial de tipo exploratório com o objectivo de dar algum sentido à variedade e complexidade do comportamento conjugal, reduzindo-o a um número mais limitado de factores. Este tipo de análise examina apenas as relações entre as diversas variáveis, sem determinar até que ponto os resultados se ajustam a um determinado modelo.

Assim, porque sabemos que uma validação factorial deve apresentar um número mínimo absoluto de 3 a 5 indivíduos por variável, procedeu-se a uma análise exploratória do ENRICH, utilizando o método da análise das componentes principais, apenas para conhecermos as relações entre as variáveis e como se distribuem as dimensões do Inventário. Em primeiro lugar, procedeu-se a uma conversão dos 115 itens em 32 factores com valores próprios superiores a 1. Como esta solução dispersava muito as variáveis, foi forçada, primeiro, uma rotação a 12 factores, uma vez que estes correspondiam, em termos teóricos, ao número das subescalas. A observação da matriz demonstrou que apenas nos dois primeiros factores os itens se encontravam bem correlacionados. Desta forma, forçou-se, novamente, uma rotação dos eixos a dois factores. Desta análise factorial foi possível extrair, após rotação varimax dos eixos, dois factores ortogonais com valores próprios superiores a 1 e que explicam 25% da variância total. A análise permitiu observar um padrão de itens que distribuem as 12 subescalas em duas dimensões, agrupando-as da seguinte forma. As 10 subescalas agrupam-se no primeiro factor, que explica 19% da variância total. As subescalas Orientação Religiosa e Igualdade agrupam-se no segundo factor, o que explica 8% da variância.

Embora os restantes factores não expliquem, com clareza, nenhuma subescala em particular, parece haver uma relação com os itens

menos expressivos, pelo que a solução forçada a dois factores foi a melhor solução factorial. Parece óbvio o agrupamento dos 115 itens nestes dois factores, uma vez que, no primeiro, agrupam-se os itens directamente correlacionados com a conjugalidade; no segundo, agrupam-se a Orientação Religiosa e Igualdade que aparecem inversamente correlacionadas, isto é, pontuações elevadas atribuídas na Orientação Religiosa corresponderão a pontuações baixas na Igualdade e vice-versa. Na amostra, a Igualdade de papéis e a Orientação Religiosa são duas dimensões à parte das restantes 10 subescalas, o que parece justificável, uma vez que o repertório da amostra é constituído por pessoas com nível cultural e escolar elevado, não conferindo, por isso, importância enfatizada à questão da Igualdade que, incorporada no quotidiano, não levanta, aparentemente, problemática própria. Quanto à Orientação Religiosa, esta parece influenciar, cada vez menos, as relações conjugais, em face do declínio dos valores e práticas da cultura católica tradicional que defendiam a hierarquia de desigualdade entre homens e mulheres, dando sentido, assim, à tendência hoje verificada para a incompatibilidade entre atitudes religiosas e a igualdade de papéis.

Para a avaliação da Infidelidade e Satisfação Conjugal, utilizou-se um Questionário de Características Demográficas, referido acima, perguntando, directamente, se, durante a actual relação marital, o inquirido teve alguma experiência extra-conjugal. Em caso afirmativo, perguntava-se se a prática da infidelidade teve ou tem carácter, *Ocasional*, *Permanente* ou *Estável*. Foi também pedido que o inquirido assinalasse a forma como percepcionava, globalmente, a sua relação conjugal e que poderia ser: *Má*, *Pouco satisfatória*, *Satisfatória*, *Muito satisfatória*, *Boa*.

Foi utilizado o tratamento informático através do *SPSS 9.0 for Windows*, submetendo os dados ao seguinte tratamento estatístico:

- 1) Inspeção prévia dos dados, para detectar desvios significativos em relação à normalidade nas distribuições das variáveis estudadas.
- 2) Cálculo das frequências, percentagens, médias e respectivos desvios padrão das variáveis sociodemográficas, na amostra total e por sexo.
- 3) Cálculo das contingências, percentagens, quiquadrados e correlações e respectivos coeficientes de determinação. O valor de associação (ρ , r , c , etc.) elevado ao quadrado e multiplicado por cem fornece o coeficiente que determina a percentagem da associação.

Para a análise psicométrica dos resultados obtidos pela administração do Inventário foram calculados, para cada item, a média, desvio padrão e correlações com o total da escala. Foi também realizada a análise da dimensionalidade da escala, através da observação factorial dos itens e da correlação entre os factores encontrados. O método utilizado para a dimensionalidade da escala foi a análise das componentes principais (ACP), uma vez que se pretendia uma abordagem exploratória. Além disso, procedeu-se à determinação dos coeficientes de consistência interna (Alpha de Cronbach), para a escala total e para os sexos, e ao cálculo das médias, desvio padrão e amplitudes dos resultados, para a amostra total e por sexos.

Os 174 indivíduos que compõem a amostra se dividem, como foi referido, entre 132 mulheres e 42 homens. Os rendimentos líquidos mensais variam entre 250 e 500 contos. Cerca de 48,9% (85 inquiridos) têm 2 filhos, 32,2% (56) um filho e os restantes não têm filhos. Aproximadamente 94% (164) referem que coabitam permanentemente com o cônjuge e 6% (8) vivem de forma irregular com o parceiro. Além disso, 91% (158) referem que os respectivos cônjuges não são portadores de nenhuma doença crónica e, aproximadamente, 93% declararam ser financeiramente independentes. Quanto à pré-nupcialidade, 35% (61) tiveram um só namorado com o qual vieram a casar e 40% (70) uma primeira relação afectiva estável, seguida de um segundo namorado, também uma relação estável, com quem vieram a casar. Esta tendência pode estar relacionada com o facto de que a maior parte das mulheres na amostra - e a maior parte da amostra é constituída por mulheres - terem vivido a adolescência no período anterior a 1974, uma época de predominâncias conservadoras na sociedade portuguesa.

No que diz respeito à percepção da infidelidade, 87% afirmaram ser inteiramente fieis ao seu cônjuge e nunca terem tido uma experiência extra-conjugal. Também aqui o facto de a amostra ser predominantemente feminina pode influenciar a 'lealdade' dos resultados, mas também é difícil assegurar, inteiramente, a fidelidade das respostas, porque, apesar de os questionários serem anónimos, foram respondidos, presencialmente, nas salas de aula com os colegas sentados próximos, o que poderá ter inibido, em alguns casos, o inquirido. Por outro lado, os 13% que, ainda assim, assumiram infidelidade são distribuídos da seguinte forma: 4,6% tiveram aventuras esporádicas com parceiros de ocasião; para 3,4% a prática da infidelidade é permanente, mas sempre com diferentes parceiros; enquanto cerca de 5% têm uma relação estável, sempre com o mesmo parceiro, em paralelo com a relação conjugal.

Na questão que inquire sobre a satisfação conjugal, os resultados obtidos mostram que 38,5% dos inquiridos estão satisfeitos com a relação conjugal e para outros 29,3% a relação é mesmo muito satisfatória.

Análise dos Dados pelo ENRICH

Recolhidos e sumariados os dados, procedeu-se, então, à sua análise. Seguindo a aplicação das escalas anteriormente referidas, os valores e significância para estes testes foram calculados pelo teste t de Student para amostras independentes. Uma vez que os testes t indicam diferenças nas amostras, através das médias e da distribuição dos resultados da amostra relativamente ao valor médio, envolvendo as respectivas medidas de dispersão, é utilizado este teste sempre que as variáveis a manipular forem quantitativas.

O Quadro VII apresenta a constituição da amostra nos diferentes questionários.

Quadro VII

MÉDIAS, DESVIOS PADRÃO, SOMATÓRIOS E TESTE T PARA A IGUALDADE DAS MÉDIAS, E DOS INSTRUMENTOS UTILIZADOS, POR SEXO.														
Sexo		DI	SM	AP	COM	RC	GF	AL	RS	FM	FA	IG	OR	ENRICH
feminino	x	16,44	37,44	33,98	34,84	35,28	37,08	35,80	36,96	38,72	34,87	40,08	28,27	400,73
	n	132	131	132	132	131	131	132	130	126	132	132	132	123
	dp	3,49	7,51	6,66	6,77	6,87	6,38	5,22	6,62	5,94	6,44	4,00	8,07	48,23
	Min	7	16	20	13	12	11	21	18	27	16	28	12	240
	Max	22	50	49	47	49	48	49	49	49	48	48	50	493
masculino	x	15,95	38,60	35,29	36,36	34,86	36,40	34,83	36,60	38,88	34,98	37,86	26,74	396,52
	n	41	42	42	42	42	42	42	41	42	42	42	42	40
	dp	3,05	6,66	5,93	5,55	4,75	5,70	5,32	5,70	5,48	6,35	4,73	7,47	42,09
	Min	8	20	23	22	21	23	20	20	18	17	26	12	249
	Max	20	48	47	47	42	48	45	48	47	44	45	46	465
t Student	t	0,610	-0,858	-1,137	-1,317	0,386	0,610	1,095	0,303	-0,125	-0,092	3,004	1,087	0,481
	Gl	172	172	172	172	172	172	172	172	172	172	172	172	172
	Sig	0,543	0,392	0,257	0,190	0,700	0,543	0,302	0,762	0,901	0,927	0,003	0,279	0,631
	Dif médias	0,37	-1,11	-1,31	-1,52	0,44	0,67	0,96	0,34	-0,13	-0,10	2,23	1,53	4,00
Total	x	16,32	37,72	34,29	35,21	35,18	36,92	35,56	36,87	38,76	34,90	39,53	27,90	399,70
	n	173	173	174	173	173	174	172	172	167	174	174	174	163
	dp	3,39	7,31	6,50	6,51	6,41	6,21	5,25	6,40	5,81	6,40	4,28	7,94	46,71
	Min	7	16	20	13	12	11	20	18	18	16	26	12	240
	Max	22	50	49	47	49	48	49	49	49	48	48	50	493

Da observação deste quadro, podemos verificar, no diz respeito aos valores padrão, que não existem diferenças estatisticamente significativas na distribuição da população por sexos, à excepção da Igualdade de Papéis (IG). Designadamente, as mulheres defendem valores igualitá-

rios e partilha de papéis entre marido e mulher, enquanto os homens tendem a enfatizar valores mais tradicionais nos papéis do marido e da esposa. Outra diferença ocorre no quadro da Orientação Religiosa (OR). Contudo, nesta subescala, ao contrário da IG, as diferenças apontam para valores mais baixos que os dados normativos propostos por Olson, Fournier e Druckman (1983).

Um objectivo do inquérito era determinar até que ponto os resultados obtidos pela amostra no ENRICH em estudo (total e por dimensão a que chamaremos Qualidade Conjugal) variam em função das variáveis idade, número de filhos, duração da relação conjugal, coabitação, número de casamentos anteriores (de um ano ou mais), independência financeira do inquirido e a profissão. Num primeiro momento, começou-se por averiguar qual o grau de satisfação conjugal e se os resultados desta se associavam à qualidade da conjugalidade, como é globalmente percebida pelos sujeitos. Para conhecer o grau de satisfação conjugal que permite avaliar a qualidade das relações, a cotação da escala foi organizada da seguinte maneira: a pontuação da escala pode variar entre 115 e 575, isto é, se um indivíduo responde 1 (discordo totalmente) obtém uma pontuação de 115. Se todos os itens forem respondidos com 5 (concordo totalmente), obterá uma pontuação de 575. A partir daqui, criou-se o seguinte índice: 115-230 totalmente insatisfeito; 230-345 pouco satisfeito; 345-460 satisfeitos; 460-575 muito satisfeito. A seguir a este cálculo, efectuou-se o mesmo para os resultados das subescalas.

Foi possível constatar que só existem associações estatisticamente significativas entre o tipo de relação conjugal (30%) e a fidelidade (6%). Esta última associação é, no entanto, fraca. Apenas se encontra uma associação estatisticamente significativa entre Fidelidade e Qualidade Conjugal. Ainda assim, esta associação é apenas de 6.5%, pelo que, apesar dos resultados não serem fruto do acaso, a associação é baixa.

Após analisar a associação entre as variáveis, a questão seguinte foi saber quais as variáveis que melhor predizem ou são preditoras de Qualidade Conjugal nas suas várias dimensões. Para isso, foi efectuado o cálculo da regressão múltipla, escolhendo como critério de entrada uma probabilidade de $F < 0,050$ e, por exclusão, uma probabilidade superior. O método escolhido para análise foi o *SETPWISE*. Como Variável Dependente (VD) utilizaram-se os resultados do ENRICH 1983. A idade, número de filhos, duração da relação conjugal, coabitação, número de casamentos anteriores, independência financeira e profissão tiveram o estatuto de Variável Independente (VI). A distribuição seguinte documenta os resultados.

a) Distorção Idealística (DI):

Entre as variáveis inseridas no modelo, apenas a fidelidade nas relações é significativamente preditora da Distorção Idealística com uma predição de 10,3%. Os sujeitos que referem não ter casos extra conjugais são também aqueles que apresentam maior nível de idealização/idealismo.

b) Satisfação Conjugal (SC):

À semelhança da Distorção Idealística, também a fidelidade prediz, significativamente, a Satisfação Conjugal, ainda que em menor grau (2,5%). Entre os casais com infidelidade a insatisfação é maior.

c) Aspectos da Personalidade (AP):

As variáveis preditoras, neste caso, são o Número de Filhos - com uma predição de 6.6% - e a variável Independência Financeira com uma predição de 3%. O Número de Filhos apresenta, concretamente, um coeficiente de regressão Beta inversamente proporcional, de modo que os indivíduos com maior número de filhos parecem ter pior ajustamento ao parceiro que aqueles com menos filhos. No confronto, estas duas variáveis predizem-se em 9%.

d) Comunicação (COM):

Também, neste caso, a variável preditora é o Número de Filhos, embora em menor grau: 2,5%. Assim, os casais com maior número de filhos revelam maiores dificuldades de comunicação.

e) Resolução de Conflitos (RC):

Há duas variáveis preditoras, a Coabitação (3,4%) e a Idade (3,5%) que, em conjunto, constituirão um factor influente de estabilidade com uma predição de 7%.

f) Administração Financeira (AF):

A variável preditora aqui é a idade com uma média de 4,9%. O valor Beta indica que quanto maior a idade, menores as pontuações em AF, o que sugere ansiedade no casal, ao nível da gestão financeira. O inverso também é verdade, isto é, quanto menor a idade, maior a atitude realista e a satisfação com os aspectos financeiros.

g) Relações Sexuais (RS):

A variável preditora das Relações Sexuais é a Infidelidade com uma predição de 3%. Os resultados apontam para a infidelidade conjugal como

um factor que diminui a satisfação na relação sexual entre o casal. Isto pode estar relacionado com conflitos provocados pela insegurança induzida por um comportamento promíscuo do companheiro, além da inevitável distancia afectiva, frequentemente originada por ciúmes reais ou imaginários.

h) Filhos e Matrimónio (FM):

A variável preditora é o número de filhos com uma predição de apenas 2,4%. Assim sendo, podemos dizer que, quanto maior o número de filhos, maiores as decisões e responsabilidades atribuídas a cada membro do casal.

i) Família e Amigos (FA):

Aqui, a variável preditora revelada é a Infidelidade com uma predição de apenas 2,5%. Isto significa que a infidelidade de um dos cônjuges vai afectar, negativamente, as relações que o casal mantém com outros familiares e amigos.

j) Igualdade (IG):

Neste caso, temos apenas uma variável preditora, a duração da relação conjugal, com uma predição de 2,7%. Quanto maior a duração da relação, maiores os valores obtidos nesta subscala, isto é, percentagens elevadas significam que os valores de cada membro do casal tendem a ser mais semelhantes.

Quanto às subescalas Orientação Religiosa (OR) e Actividades de Lazer (AL), verificou-se que nenhuma das variáveis é preditora. Por fim, a amostra total indica que a variável preditora da Qualidade Conjugal é a Fidelidade com uma predição inversamente proporcional de 5,2% - o que significa que os indivíduos mais satisfeitos na conjugalidade são os mesmos que referem ser fieis. Verificou-se, por outro lado, que as variáveis preditoras de satisfação conjugal variam, se cada um dos sexos for observado em particular. Assim, no caso das mulheres inquiridas, para além da variável Fidelidade, acresce, como preditora, a variável Número de Filhos, ambas como predição negativa, isto é, se, por um lado, a qualidade conjugal aumenta com a fidelidade, por outro, quantos menos filhos tiver o casal, maior é a qualidade conjugal. No que diz respeito ao sexo masculino, nenhuma das variáveis se mostrou preditora de satisfação conjugal.

Quadro VIII

CORRELAÇÕES DAS SUBESCALAS														
		DI	SM	AP	COM	RC	AF	AL	RS	FM	FA	IG	OR	ENRICH
DI	R													
	Sig.													
	N													
SM	R	,674												
	Sig.	,000												
	N	174												
AP	R	,553	,649											
	Sig.	,000	,000											
	N	174	174											
COM	R	,625	,771	,715										
	Sig.	,000	,000	,000										
	N	174	174	174										
RC	R	,585	,708	,634	,777									
	Sig.	,000	,000	,000	,000									
	N	174	174	174	174									
AF	R	,464	,525	,518	,576	,564								
	Sig.	,000	,000	,000	,000	,000								
	N	174	174	174	174	174								
AL	R	,522	,654	,539	,629	,600	,454							
	Sig.	,000	,000	,000	,000	,000	,000							
	N	174	174	174	174	174	174							
RS	R	,569	,674	,486	,555	,550	,457	,504						
	Sig.	,000	,000	,000	,000	,000	,000	,000						
	N	174	174	174	174	174	174	174						
FM	R	,288	,529	,388	,343	,364	,236	,322	,385					
	Sig.	,000	,000	,000	,000	,000	,002	,000	,000					
	N	174	174	174	174	174	174	174	174					
FA	R	,454	,584	,482	,480	,517	,392	,426	,399	,396				
	Sig.	,000	,000	,000	,000	,000	,000	,000	,000	,000				
	N	174	174	174	174	174	174	174	174	174				
IG	R	,181	,218	,257	,254	,326	,365	,191	,207	,213	,319			
	Sig.	,017	,004	,001	,001	,000	,000	,012	,006	,005	,000			
	N	174	174	174	174	174	174	174	174	174	174			
OR	R	,149	,146	-,063	,012	-,023	-,052	,013	,018	,100	-,051	-,249		
	Sig.	,049	,054	,412	,873	,761	,493	,861	,809	,190	,508	,001		
	N	174	174	174	174	174	174	174	174	174	174	174		
ENRICH	R	,731	,892	,750	,844	,831	,675	,729	,737	,566	,669	,376	,155	
	Sig.	,000	,000	,000	,000	,000	,000	,000	,000	,000	,000	,000	,042	
	N	174	174	174	174	174	174	174	174	174	174	174	174	

É possível reparar que a Distorção Idealística se correlaciona, significativamente, com todas as subescalas, tendo uma correlação elevada com o ENRICH e moderada com SM, AP, COM, RC, AF, AL, RS, FA. As restantes são fracas. A subescala Orientação Religiosa só se correlaciona, directa e significativamente, com DI e, inversamente, com IG, sendo, contudo, as correlações muito fracas. A subescala Relações Sexuais somente apresenta correlação baixa com IG e OR. Com as res-

tantes subescalas é, pelo menos, moderada. Por sua vez, a subescala Igualdade tem uma correlação baixa com todas as subescalas, à excepção da AF, com a qual se associa moderadamente. A subescala Administração Financeira, por seu lado, apenas não encontra associação com a OR. O mesmo ocorre com FA. Quanto às subescalas COM, SM, AP, AL, são aquelas que melhor se correlacionam com as restantes, à excepção de IG e OR. Finalmente, a subescala Família e Amigos correlaciona-se moderadamente com AM, AP, RC, FA. Com as restantes ou não se correlaciona, ou a correlação é baixa. Na verdade, IG e OR parecem ser dimensões com pouca associação com os modelos hoje prevalentes de satisfação conjugal.

Em conclusão, verifica-se, da análise da amostra inquirida, que a satisfação conjugal destes estudantes de pós-graduação é elevada. A infidelidade não restaura os ideais de felicidade e, ao contrário, é a fidelidade (possível) que contribui para a satisfação conjugal. Como tal, podemos confirmar a hipótese que a monogamia constitui um factor no processo permanente de qualificação de relações conjugais. Embora o adultério realize, de um modo atenuado, dramático ou sem importância a busca ligada à insatisfação e ao desejo, verifica-se, neste estudo, que a variável preditora das Relações Sexuais é a Fidelidade com uma predição de 3%. Os resultados sugerem duas direcções. Por um lado, a infidelidade conjugal reduz a satisfação ao nível da relação sexual entre o casal, mas, por outro, também a insatisfação sexual pode estar na razão da infidelidade, levando a que se procure companheiros diferentes. De facto, é difícil estabelecer uma relação de causa-efeito, pelo que apenas são fornecidas possibilidades explicativas.

Sabemos que no ENRICH (Fowers e Olson 1989) os preditores mais importantes são Comunicação, Relação Sexual e Resolução de Conflitos e que, no caso dos casais satisfeitos, tanto o marido como a mulher eram mais velhos, estavam há mais tempo casados, haviam se conhecido bastante tempo antes do casamento e tinham poucos filhos. Neste sentido - e visto as características da amostra serem muito semelhantes às recolhidas por Olson e Fowles - poderemos afirmar também, segundo as indicações deste estudo, que a sexualidade, para além de possibilitar a procriação, contribui para a estabilidade social, através da instituição familiar que é uma via preferencial para o prazer, a intimidade e a conjugalidade qualificada.

Para Fowers e Olson (1989) os resultados obtidos com o ENRICH apontam para uma forte relação entre satisfação conjugal e os vários aspectos das relações maritais (subescalas). Assim, se os diferentes factores ou componentes contribuem para a auto-avaliação de cada um

- no que diz respeito ao grau de satisfação com a relação - será de esperar que eles se inter-relacionem, isto é, a intensidade da satisfação conjugal deverá aparecer correlacionada com os sentimentos de realização a seu respeito e assim sucessivamente. Tal facto também se verificou neste estudo.

Na verdade e em sintonia continuada com os resultados de Fowers e Olson (1989), podemos afirmar que a qualidade e a satisfação conjugal são mais marcadas entre os casais com menos filhos. Assim sendo, quanto maior o número de filhos, maiores são as decisões e responsabilidades atribuídas a cada membro do casal. Podemos concluir, globalmente, que, apesar da instabilidade, mudanças e imprevisibilidade dos dias de hoje, o amor, a família, o investimento afectivo e intelectual, a fidelidade nos sentimentos garantem uma melhor satisfação conjugal. Como afirma Paula Relvas (1996: 31):

a história da vida da família é, então, a história da sucessiva progressão dos seus momentos de crise e períodos de transição, bem como da evolução ou dificuldades que a sua elaboração comporta no chamado ciclo vital e no inter cruzar das gerações. A história da família tem, assim, um princípio, que se não vislumbra, e um fim sem final, que se não adivinha... mas está lá, contendo e orientando a vida familiar.

Por outro lado, o amor romântico conduz a uma menor permissividade nas relações extraconjugais, assegurando a união do casal e tornando-a duradoura, aspecto fundamental nas sociedades onde as condições objectivas da subsistência não tornam a união estritamente necessária. O amor romântico, nesta leitura, dá coesão e estabilidade à união do casal.

A questão desta pesquisa é, assim, a avaliação da satisfação amorosa nas relações conjugais e como os sentimentos e a qualidade de vida conjugal evoluem com o tempo. Frequentemente, porém, os estudos feitos nas diferentes disciplinas acerca destes temas padecem de uma mesma lacuna: a ausência de uma análise que relacione diferentes metodologias na abordagem dos sentimentos amorosos e da vida afectiva. O espírito desta pesquisa é, assim, ensaiar o projecto de uma investigação bifurcada, quer dizer, uma lógica de pesquisa reunindo diferentes estratégias analíticas, qualitativas e quantitativas, designadamente, uma análise do amor e, ao mesmo tempo, uma medida das condições de possibilidade da qualificação da vida conjugal. Segundo várias opiniões poéticas, como Bevilacqua, 'a medida do verdadeiro

amor é amar sem medida' (Proença 1992: 11). O poeta Petrarca sintetizou esta ideia afirmando 'pouco ama aquele que pode dizer quanto ama' (idem: 54) e Shakespeare escreveu: 'É bem pobre o amor que faz cálculos' (idem: 23). Fica, então, a ideia de que o amor, que não pode limitar-se, vai além de todos os limites, logo, é imprevisível, inqualificável e inquantificável. No entanto, ao mesmo tempo, é também uma ambição analítica reunir condições metodológicas e instrumentos de medida da prática da vida e da história emocional, familiar e conjugal. A questão teoricamente produtiva é, assim, reunir a convicção de que o amor é des-medida com a medida de instrumentos analíticos.

REFERÊNCIAS

- Barthes, Roland
1995 *Fragmentos de um Discurso Amoroso*. Lisboa: Edições 70.
- Olson, David H; Fournier, D. G.; Druckman, J.M.
1983 *PREPARE/ENRICH Counselor's Manual*. Minneapolis, MN: PREPARE/ENRICH, Inc.
- Fowers, Blaine J. e Olson, David H.
1986 'Predicting Marital Success with PREPARE: A Predictive Validity Study'. *Journal of Marital and Family Therapy*, 12 (4): 403-13.
1989 'ENRICH Marital Inventory: A Discriminant Validity and Cross-Validation Assessment'. *Journal of Marital and Family Therapy*, 15 (1): 65-79.
1992 'Four Types of Premarital Couples: An Empirical Typology Based on PREPARE'. *Journal of Family Psychology*, 6 (1): 10-21.
- Fromm, Erich
1992 *Do Ter ao Ser*. São Paulo: Editora Manole.
- Marques, Eduardo
2000 'O Amor e a Qualidade Conjugal em Estudantes do Ensino Pós-Graduado'. Dissertação de Mestrado. Coimbra: Instituto Superior Miguel Torga.
- Olson, David.H. e Fowers, Blaine J.
1993 'Five Types of Marriage: An Empirical Typology Based on ENRICH'. *The Family Journal: Counseling and Therapy for Couples and Families*, 1 (3): 196-207.

- Olson, David H. e Olson, Amy K.
1997 *PREPARE/ENRICH Program: Version 2000.*
Minneapolis: Life Innovations, Inc.
- Pacheco, José
1998 *O Tempo e o Sexo.* Lisboa: Livros Horizonte.
- Pacheco, Soares Couto
1997 *O Ciúme.* Porto: Edições Afrontamento.
- Proença, António Vaz
1992 *Amor, Pensamentos, Pensadores, Provérbios.* Aveiro:
Estante Editora.
- Relvas, Paula
1996 *O Ciclo Vital da Família.* Porto: Edições Afrontamento.
- Russel, Bertrand
1929 *Marriage and Morals.* Londres: Allen and Unwin.

**Amor e qualidade de vida conjugal:
Aplicações do inventário Enrich**

**Love and quality of conjugal life:
Applications of the *Enrich* Inventory**

Sumário

Summary

O foco deste ensaio reside na apresentação detalhada de um estudo quantitativo, a partir do inquérito *ENRICH* (*Enriching & Nurturing Relationships Issues, Communication & Happiness*). Este tem sido desenvolvido, desde o final dos anos 70, por diversos investigadores americanos, para a medida da qualidade conjugal e a assistência profissional a pessoas com problemas de qualificação da vida conjugal. O inquérito foi aplicado, em 1999, a alunos que frequentavam cursos de pós-graduação e complementos de bacharelato, em instituições do ensino superior da cidade de Coimbra, constituindo, originalmente, uma dissertação de Mestrado. A discussão é iniciada com uma exploração breve das representações mais frequentes sobre a natureza complexa da experiência do amor romântico. Os resultados do inquérito apontam para níveis elevados de satisfação conjugal e para o prestígio que os valores da lealdade conjugal continuam a ter nas representações dominantes sobre felicidade, amor romântico e sexualidade. Uma questão que continua em aberto, segundo este artigo, é a necessidade de novas estratégias metodológicas, no quadro de pesquisa actual, para congregar análise quantitativa e análise qualitativa. Esta questão é ainda mais complexa, neste caso, quando se trata de discutir os instrumentos de medida da qualidade conjugal por relação à impossibilidade de medir o amor.

The focus of this essay is the detailed presentation of a quantitative research based on several applications of the *ENRICH* Inventory (*Enriching & Nurturing Relationship Issues, Communication & Happiness*), a measuring instrument developed from the end of the 1970s by various American researchers. The aim of the Inventory is to estimate the quality of conjugal life and provide professional assistance for people experiencing marital problems. The research on the basis of this article took place in 1999, applying the Inventory on postgraduate students and others taking complementary Bachelor's courses in higher education institutions in Coimbra. Originally, the enquiry formed the argument of a Master's dissertation. Discussion is initiated with a brief exploration of the controversial nature of romantic love. The results of the study suggest high levels of conjugal satisfaction and indicate that the values of conjugal faithfulness still retain prestige in the predominant visions about happiness, romantic love and sexuality. According to this article, one question remains open, and that is the need for new methodological strategies in the procedures of current research to bring quantitative and qualitative analysis together. This question is specially complicated, in this case, when the point is to discuss instruments for measuring marital quality in relation to the impossibility of measuring love.